

# A voz profética de Amós em uma sociedade marcada pela opressão e pela falta de solidariedade

*Luiz Alexandre Solano Rossi<sup>1</sup>  
Francisco Erdos<sup>2</sup>*

## RESUMO

Amós denuncia a opressão e a violência contra os inocentes que foram empobrecidos devido à ganância dos ricos e poderosos de Israel. Os sacerdotes, os juízes e o rei, que eram os representantes de Deus entre o povo, que deveriam proteger os mais fracos, atendendo-os em suas necessidades, eram os cúmplices daqueles que praticavam os atos opressivos e roubavam tudo o que os mais fracos possuíam inclusive suas vestes. Em seguida iam aos lugares de culto, deitando-se sobre as vestes confiscadas e bebiam o vinho proveniente de multas aplicadas. A voz profética de Amós acusa a alta sociedade de Israel de ferir o povo de Deus e, conseqüentemente, ferir ao próprio Deus. A falta de solidariedade de Israel demonstra a ingratidão de um povo que foi abençoado e liberto do cativo, mas disso se esqueceu. Ao invés de praticar a justiça para ser abençoado, pratica a injustiça, despertando a ira de Deus que move Amós a proferir seu juízo contra todos os inimigos da justiça.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Teologia (Fuller Theological Seminary) e em História Antiga (UNICAMP). Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia (Mestrado e Doutorado) da PUCPR.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia pela PUCPR.

**PALAVRAS-CHAVE**

Amós. Justiça. Opressão. Pobres. Inocentes. Solidariedade.

**ABSTRACT**

Amos denounces the oppression and violence against the innocent people who were impoverished due to the greed of the rich and powerful of Israel. The priests, the judges and the king, who were the representatives of God among the people and who were supposed to protect the weak, serving them in their needs, were the accomplices of those who practiced the oppressive acts and would stole everything the weak had, even their clothes. Then they would go to the places of worship, lie down on the confiscated vests and drink the wine obtained from the fines levied. The prophetic voice of Amos accuses Israel's high society of hurting the people of God and consequently of injuring God himself. The lack of solidarity of Israel shows the ingratitude of a people that had been blessed and set free from bondage, but had forgotten that. Instead of practicing justice to be blessed, they practice lawlessness, arousing the wrath of God who moves Amos to deliver judgment against all the enemies of justice.

**KEYWORDS**

Amos. Justice. Oppression. Poor. Innocent. Solidarity.

**Introdução**

O objetivo deste artigo é analisar o livro do profeta Amós, que retrata a desigualdade social dos israelitas no reinado de Jeroboão II. O profeta relata como Iahweh tirou os israelitas de uma situação de pobreza e opressão e os colocou para tomar posse da terra, para cuidar dela e também de todos aqueles que estivessem junto com eles. Mas os israelitas não conseguiram preservar em seu meio a aliança efetuada com Iahweh e, no tempo de Amós, a opressão dos ricos e poderosos sobre os pobres era uma realidade revoltante. Assim, os ricos, no contexto de Amós, oprimiam os pequenos agricultores, que eram escravizados para pagarem suas dívidas. Os juízes que deveriam defender a população

contra o empobrecimento provocado pelos poderosos, não o faziam, decidindo as questões sempre a favor dos ricos.

A solidariedade, que deveria ser uma prática comum dos seguidores de Iahweh, e que fora firmada no Código da Aliança (Ex 22,21-27), é deixada de lado pelos ricos e poderosos que:

1. Desprezam o devedor e o escravizam por dívidas pequenas (Am 2,6);
2. Humilham os fracos e pobres e abusam das servas que estão sob seu poder (Am 2,7);
3. Não devolvem, ao pôr do sol, as vestes penhoradas, e ainda patrocina suas bebedices com o resultado das multas aplicadas (Am 2,8).

O pequeno proprietário de terras foi quem sofreu com a política opressora vigente na época. O resultado de seu trabalho sustentou o modo de vida opulento e ostentoso dos ricos opressores que viviam amontoando riquezas injustas em seus palácios (Am 3,10), e de suas mulheres que não se preocupavam a respeito da origem de seus luxos (Am 4,1), dos legisladores e políticos que deveriam cuidar da ordem social do país, mas, em vez disso, aceitavam fazer parte dos esquemas fraudulentos, recebendo subornos (Am 5,12), e dos comerciantes desonestos que queriam arrancar tudo dos fracos e necessitados (Am 8,4-6).

Mas Iahweh não é um Deus que não se importa com as pessoas. Iahweh é Deus que toma o partido do pobre, do fraco, do oprimido. É Deus que houve o clamor das vítimas e fala aos opressores: “Portanto, assim diz o Senhor Deus: Um inimigo cercará a tua terra, derribará a tua fortaleza, e os teus castelos serão saqueados. Assim diz o Senhor: Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas ou um pedacinho da orelha, assim serão salvos os filhos de Israel que habitam em Samaria com apenas o canto da cama e parte do leito.” (Am 3,11-12).

Quando a opressão se torna corriqueira, a profecia se reveste de grande valor para evidenciar a misericórdia e a compaixão como vontade de Deus para os homens aplicarem entre si. O artigo estará focado no Livro de Amós, em busca da descrição da violência e opressão e do resultado delas nas vítimas. O artigo também nos possibilitará a avaliação da falta de solidariedade no contexto do livro de Amós e as consequências posteriores, e nos permitirá compreender a maneira pela qual o livro de

Amós se faz importante na análise da realidade relativamente àqueles que causam o sofrimento dos justos, dos indigentes, dos fracos, dos pobres, dos escravizados e dos endividados.

## **A prosperidade na época de Jeroboão II**

Em sua política expansionista, Jeroboão II alcançou muito sucesso. Reinou 41 anos, ampliou as fronteiras de Israel, conquistou Damasco, Hamate e alcançou as margens do Mar Morto. Am 1.3,13; 6.13 mostram que houve lutas nas fronteiras de Gileade, onde muitos civis perderam a vida, vítimas dos massacres causados pelas guerras. Os estados nacionais ampliavam suas áreas de domínio à custa de muitas mortes, prática aplicada também por Israel no reinado de Jeroboão II, conforme destaca Schwantes (1987, p.13). As poucas linhas do trecho de 2 Rs 14.23-29 descrevem, desaprovando, o longo reinado de Jeroboão II. “E fez o que era mal aos olhos do SENHOR; nunca se apartou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel.” (vs. 24).

Aumentar a arrecadação de impostos e garantir o controle das rotas comerciais eram os principais objetivos de Israel na ampliação de suas fronteiras. Sua localização privilegiada no sistema de rotas comerciais, principalmente na interligação das terras do Rio Nilo e as dos Rios Tigre e Eufrates, permitiam a Israel o sucesso comercial que trouxe grande prosperidade econômica. Os egípcios e mesopotâmicos tinham que passar pela planície de Jezreel, uma junção das rotas comerciais.

Um Estado forte, dirigido por um rei que obteve êxito em sua administração, Israel tinha uma economia vigorosa e vivia no esplendor da riqueza. Essa era a situação com a qual Amós se encontrou. Conforme explica Schwantes (1987, p.13): Amós batia de frente contra o que era apregoado pelo Estado e os religiosos e certamente não era bem visto pela classe dominante, conforme se pode ver pelo confronto com Amasias (Am 7,10-17).

Amós denuncia o culto, conforme nos explica Bonora (1983, p. 23), que “coloca incensos e injustiças, prece e opressão, rito e alienação humana”. Para Amós a fé conduz à justiça social, e a justiça social é fruto de uma comunhão perfeita com Deus. O profeta Amós critica a relação dos abastados com a monarquia. Segundo Kessler (2009, p. 127):

Este profeta enfoca as relações durante a estável época de governo de Jeroboão II. Ao lado das tensões sociais, [...] estas palavras criticam a opressão política, esboçando nisso uma imagem de classe superior. De especial importância é a pequena coleção de palavras contra Samaria (Am 3,9-4,3). Segundo estas, na Samaria residem pessoas em torres palacianas (3,10s), nas quais “se amontoam violência e injustiça” – isso como forma de linguagem abreviada para riqueza, que é conquistada por meio de opressão política e exploração econômica. Seu bem-estar manifesta-se na posse de casas de inverno e de verão, de “casas de marfim” – aqui provavelmente se pensa em móveis ornamentados com placas de marfim (“camas de marfim”, 6,4), como estão documentados em inúmeros achados arqueológicos – ou simplesmente “muitas casas” (3,15). Como sinal de bem-estar, as casas não são de barro, mas sim construídas com pedras cortadas (5,11). Ali, a elite realiza festivais e festas inebriantes (2,8; 4,1; 6,4-6).

A tradição do Êxodo, diz Kessler (2009, p. 128), é assumida e criticada por Amós, ao relatar que a “ideologia de libertação como mito originário do Reino do Norte foi superada pelas condições reais” (Am 2,10; 3,1s).

### Os pontos conflitantes

Na época de Amós as cidades eram pequenas. Schwantes (1987, p. 14) explica que “*não passam de burgos ampliados*” e predominava a atividade agrícola. A maior parte das pessoas plantava e colhia, viviam em vilas, pequenas comunidades e seguiam os costumes dos clãs e tribos. A sobrevivência dava-se através do trabalho no campo. Cada agrupamento familiar, ou clã, produzia o que consumia, e o que não era de produção própria, obtinha-se através de trocas. Eram quase autônomos. Quase não havia comércio, o comércio não trazia nenhuma vantagem porque desestabilizava o modo de vida dos clãs. A terra era de posse do grupo familiar, considerado como herança, e não podia ser vendida.

Nas cidades, ou “*burgos ampliados*”, poucas pessoas moravam. Eram os que detinham o poder. Os cortesãos, sacerdotes e comerciantes – estes últimos também eram, às vezes, funcionários estatais. Grande

parte das cidades era ocupada pelo exército e seus equipamentos de guerra. Também nelas habitavam os escravos, órfãos, viúvas e os empobrecidos, que prestavam serviços aos abastados.

As associações entre cidades formavam uma espécie de estado regional e controlavam os camponeses, através da força coerciva militar e do encanto da religião. Para manter o controle, os cidadãos tinham seus aliados no meio dos camponeses, esses eram os anciãos, os juízes que deveriam defender os interesses dos camponeses. O conflito entre os camponeses e cidadãos devia-se principalmente à taxa do imposto. As despesas estatais e militares, devido à política expansionista, eram elevadas, por isso o governo exigia cada vez mais imposto.

Havia também a necessidade de participar ativamente no comércio internacional, por isso Jeroboão II requisitava cada vez mais o produto agrícola para comercializar e, assim, adquirir ouro, ferro e outras mercadorias de que necessitasse. Com certeza, a comercialização era desvantajosa para Israel, pois o seu produto agrícola era desvalorizado e os produtos importados custavam mais. Quem sofria o prejuízo era a classe trabalhadora. Amós 8,4-6 demonstra como eram enganadas as pessoas:

Ouvi isto, vós que anelais o abatimento do necessitado e destruís os miseráveis da terra, dizendo: Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? E o sábado, para abriremos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras, para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sapatos? E, depois, venderemos as cascas do trigo.

Está claro que os poderosos faziam, para o rei, as arrecadações de impostos para financiar sua manutenção, sua política expansionista e seus projetos no comércio internacional. As festas, os luxos e as extravagâncias estavam sendo financiadas com o sangue, suor e lágrimas dos camponeses, conforme atesta o profeta Amós em 4,1; 5,11; 6,4-6 (SCHWANTES, 1987, p. 14-15).

A maior parte dos camponeses, explica Horsley (2007, p. 26), não estava satisfeita com a monarquia. Amós criticava a realeza comparando os atos sujos da alta sociedade com as regras de comportamento moral da aliança mosaica (Am 5,10-11).

Sob o governo de Jeroboão II prosperavam o comércio e a agricultura, mas:

[...] a prosperidade e a confiança nacional eram experimentados principalmente no cume da sociedade, ao passo que a maioria dos camponeses se achava em apertos calamitosos. Sem dúvida, a taxaço e a corveia desempenharam seu papel, porém a focalização particular de Amós está na substituição maciça em título de posse de terra, a partir de posses de famílias tradicionalmente garantidas, para patrimônios acumulados privadamente, recebidos por execução de hipoteca por dívida sobre lavradores empobrecidos. Em resumo, como no reino unido de Salomão, as “maravilhas” do Israel do século VIII se concentravam em uma classe privilegiada que se erguia em proveito próprio pelo despojamento sistemático e pela privação de autoridade da maioria dos camponeses (GOTTWALD 1988, p. 328).

Liverani (2008, p. 167) confronta os dados arqueológicos, que demonstram a grande prosperidade que havia no tempo de Jeroboão II, com as tensões sociais provocadas pelo desequilíbrio entre a pequena parte da população que detinha todas as riquezas e a pobreza gritante que fazia a maior parte da população de Israel sofrer fome. A riqueza foi conquistada graças à opressão aplicada sobre os pequenos. A prosperidade de Israel que a arqueologia descortina hoje foi construída com o derramamento do sangue e das lágrimas do povo oprimido.

### **O sofrimento do povo**

Enquanto os abastados e funcionários do Estado viviam na comodidade, usufruindo do conforto concedido pela situação, esclarece Schwantes (1987, p. 16), os camponeses eram obrigados a bancar, com muito sofrimento, os planos de expansão comercial e militar de Jeroboão II. O rei impôs um aumento na tributação e colocou o serviço religioso como o centro arrecadador, usando as festas e rituais para incentivar a produção e conseqüentemente aumentar a arrecadação. Amós era contra essa religiosidade que de Deus não tinha nada! Pela boca do profeta Iahweh diz:

Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras. Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene. (Amós 5,21-24).

A classe dominante de Israel “multiplicava as transgressões”, subjugando e empobrecendo o povo, usando, inclusive, a força bruta para conseguir seus intentos:

Fazei ouvir isto nos castelos de Asdode e nos castelos da terra do Egito e dizei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria e vede que grandes tumultos há nela e que opressões há no meio dela. Porque Israel não sabe fazer o que é reto, diz o Senhor, e entesoura nos seus castelos a violência e a devastação.

Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, oprimis os pobres, esmagais os necessitados e dizeis a vosso marido: Dá cá, e bebamos.

Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado e destruíis os miseráveis da terra, (Amós 3,9-10; 4,1; 8,4).

A necessidade que o Estado tinha de criar riquezas, forçando os camponeses com a tributação, era devido aos altos custos do aparato militar, da elite administrativa, da expansão do comércio internacional e do consumo dos produtos de luxo importados. Tudo isso bancado pelo povo (Am 4,1) que era: “[...] pisado (Am 2,7), aterrorizado (Am 3,9), esmagado (Am 4,1), destruído (Am 8,4) pela tributação estatal. Através de seus 41 anos de bem sucedidas conquistas, Jeroboão II desproveu o povo de sua humanidade.

Com certeza Jeroboão II não teria sucesso em suas constantes opressões contra o povo se não tivesse a seu favor os anciãos e os juízes que viviam no meio do povo, dos pobres, nas vilas camponesas. Esses líderes dos clãs, certamente controlavam o comércio que começava a aflorar no meio dos camponeses, ainda que o sistema de troca estivesse em vigor. E quando surgiam conflitos com os representantes da corte, os juízes jogavam ‘panos quentes’ nas confrontações entre os tributadores

e os tributados. “[...] porque os juízes vendem o justo por dinheiro e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias (Am 2,6)”. Os juízes, os anciãos do povo, aqueles que deveriam defender a causa do justo, cometem injustiças e defendem os interesses do Estado opressor. (SCHWANTES 1987, p. 17).

Jeroboão II se beneficiou da indefinição da política internacional, mas a sua política empobreceu o povo e, em seguida, trouxe a ruína para todo o país.

### **Denúncias e injustiças**

Os pequenos proprietários, diz Bonora (1983, p. 24), eram explorados e reduzidos à escravidão: “Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Israel e por quatro, não sustarei o castigo, porque os juízes vendem o justo por dinheiro e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias” (Am 2,6). Seus direitos de cidadão são desprezados e sofrem profunda opressão e humilhação (Am 2,7; 4,1; 5,12; 8,4).

Destacando a revolta do profeta Amós, Bonora (1983, p. 25) lembra:

Voltemos ao costume antigo, quando a justiça era administrada às portas da cidade, na praça onde se reunia a comunidade da aldeia”. Lá eram levadas as questões judiciais. Lá eram cometidas graves injustiças! Eles transformam o direito em veneno e lançam por terra a justiça [...] Eles odeiam aquele que repreende à porta e detestam aquele que fala com sinceridade. Por isso: porque oprimis o fraco e tomais dele um imposto de trigo, construístes casas de cantaria, mas não as habitareis; plantastes vinhas esplêndidas, mas não bebereis o seu vinho. Pois eu conheço vossos inúmeros delitos e vossos enormes pecados! Eles hostilizam o justo, aceitam suborno, e repelem os indigentes à porta (Am 5,7.10-12).

Liverani (2008, p. 165) também aponta que Amós polemizava contra os dirigentes de Samaria, destacando o luxo e as festas, a imposição dos impostos que oprimia os pobres ao ponto de escravizá-lo, a injustiça em lugar da justiça que deveria ser aplicada na porta da cidade por aqueles

que eram responsáveis pelas atividades judiciárias, além das fraudes comerciais e juros altos (Amós 8,4-6).

O Estado exigia uma taxa de tributação de cada aldeia e eram os pequenos que deveriam pagar. Eles viviam no alto luxo em suas casas suntuosas e seus vinhedos. Para Bonora (1983, p. 26), a opressão dos pobres é que mais pesava sobre ricos e o que acarretava mais culpa. Os ricos pisavam na cabeça dos pobres até ao pó:

Os pobres são, para os ricos que os pisam, como o pó da terra. O homem foi feito do pó da terra: ‘Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo’ (Gn 2,7). Deus inspirou-lhe seu espírito e o homem tornou-se ‘um ser vivente’, isto é, uma pessoa (Gn 2,7). Ora, a opressão dos ricos reduz novamente o homem a pó. A opressão dos pobres é anticriação. Reduzir o homem a *apar* (pó) significa degradá-lo ao estado pré-humano, torná-lo ‘ninguém’. O pobre é pisado e oprimido, não é ninguém!.

Os abastados de Israel levavam uma vida de conforto e luxo, sem se importarem com as desgraças pelas quais os pobres passavam:

Vós [...] que dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do cevadouro; que cantais à toa ao som da lira e inventais, como Davi, instrumentos músicos para vós mesmos; que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José (Am 6,3-6).

Amós se revolta contra o esplendor causado pela riqueza e o luxo que não permite que se veja a tragédia que toma conta do país. Bonora (1983, p.29-31) expõe que diante do caos político, social e religioso que se alastrou por todos os cantos de Israel, Iahweh se pronunciou através da boca do profeta e completou: “Portanto, agora, ireis em cativeiro entre os primeiros que forem levados cativos, e cessarão as pândegas dos espreguiçadores” (Am 6,7).

Amós antevia a destruição daqueles que estavam destruindo o povo de Iahweh.

## Luxo e opressão

O livro dos Reis não dá muitos detalhes sobre a situação sócio-política e econômica de Israel, haja vista a descrição sobre o reinado de Jeroboão II que durou quarenta e um anos e ocupa somente sete versículos do citado livro (2 Reis 14, 23-29).

A arqueologia, por sua vez, tem suprido informações que ajudam a ter ideia de como era a riqueza de Samaria com seus altos níveis de luxo, o que provocou a denúncia de Amós em seu ministério profético. A opressão fiscal que causava prejuízo ao pobre, a escravidão através de débitos, a falta de justiça – devido à corrupção do judiciário –, a fraude comercial – pesos e medidas falsificados e juros extorsivos – (Am 8,4-6). A economia palatina e o pesado fisco sobre os camponeses e pastores geravam a violência, porque eles se recusavam a aceitar o encargo de sustentar o palácio real com seus exageros e desperdícios. As polêmicas populistas se dão devido ao desequilíbrio da distribuição das riquezas geradas durante o reinado de Jeroboão II, que fez emergir uma classe abastada à custa da opressão econômica sobre as famílias de pequenos proprietários (LIVERANI, 2008. pp. 164-167).

A opressão sobre os mais fracos foi duramente criticada por Amós (Am 4,1). Os poderosos de Israel criavam mecanismos como os impostos (Am 5,11; 6,1-6), para se apoderarem das terras do povo mais pobre, que não conseguia pagar tais impostos. A perda das terras da família rompia a composição da identidade da família, profundamente ligada à terra e à religião doméstica, à herança familiar (SMITH, 2006. pp. 92-93).

Gottwald (1988, p. 338) explica que “As cobiçosas classes superiores, com a cumplicidade governamental e jurídica, expropriavam sistematicamente as terras dos pobres, a fim de poderem elas acumular riquezas [...]”. O acúmulo de riqueza e poder tinha o intuito de ostentar e propagandear o quão rico e próspero era o reino de Israel.

A Lei proibia a cobrança de juros sobre o dinheiro emprestado aos pobres (Ex 22,25). Mas, na época de Amós, os credores eram impiedosos na imposição de juros altos e no uso de métodos cruéis no ato do recebimento das dívidas. A lei determinava que o devedor fosse obrigado a entregar algum objeto como penhor da dívida, mas os objetos que eram necessários para o dia a dia do devedor não deveriam ser aceitos como

penhor (Dt 24,10-13), e as roupas seriam tomadas como penhor somente por algumas horas e deveriam ser entregues ao devedor ao pôr do sol, mesmo que a dívida não fosse paga. Amós denuncia que os credores estavam tomando as roupas como penhor de dívidas e não as devolviam enquanto não fossem pagos. Antes, deitavam-se sobre elas em suas orgias e bebedices (Am 2,8).

Pode-se avaliar o estado das pessoas que davam suas roupas como penhor de dívidas: se eram as roupas que serviam de penhor, pode-se concluir que essas pessoas estavam empobrecidas e não tinham mais nenhum objeto de valor. Certamente que os empréstimos eram tomados para poderem alimentar-se e, se não tivessem o suficiente para abrigarem-se à noite, passavam frio.

O que também irritava Amós eram os latifundiários que acumulavam grandes propriedades. Ceresko (1996. p. 192) esclarece:

Um dos fundamentos da ordem socioeconômica no tempo da confederação tribal tinha sido a posse por parte de cada grande família da sua própria moradia e de um pedaço de terra suficiente para prover às necessidades básicas da vida de seus membros.

Havia normas de ajuda e apoio entre as pessoas da comunidade hebraica baseadas no Código da Aliança e na lealdade a Iahweh. O outro fundamento era o direito ao acesso aos bens necessários à sobrevivência. Os dois fundamentos da sociedade israelita haviam sido abandonados para seguir os costumes de outras nações que se baseavam na ostentação de riquezas e orgias sexuais a título de adoração, neste caso adoração a Baal. Em vez de ajudar as famílias que passavam por dificuldades provocadas pelas secas, os indivíduos abastados emprestavam a juros exorbitantes para provocar a falência dos devedores, a perda de suas terras, e ao estado de escravidão, como está escrito em Amós 2,6-7: “Assim diz o SENHOR: Por três transgressões de Israel e por quatro, não sustarei o castigo, porque os juízes vendem o justo por dinheiro e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias. Suspiram pelo pó da terra sobre a cabeça dos pobres e pervertem o caminho dos mansos [...]”.

Um outro texto significativo de Amós 8,4-6 descreve as extorsões injustas:

Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado e destruíis os miseráveis da terra, dizendo: Quando passará a Festa da Lua Nova, para vendermos os cereais? E o sábado, para abriremos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras, para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sandálias e vendermos o refugio do trigo?

Estando no controle das terras, as grandes e abastadas famílias que detinham o poder destinavam o produto da terra para seu próprio uso. Trocavam por bens luxuosos, objetos de marfim, joias e perfumes. Controlavam a política, a sociedade e a economia, intensificando a cobrança de impostos para tirar mais dinheiro da maioria da população. A classe abastada e opressora que gozava da prosperidade do reinado de Jeroboão II contava com aproximadamente 5% da população. O restante era usado para sustentar o estilo de vida esbanjador, criticado por Amós (CERESKO, 1996. p. 193).

Vós que imaginais estar longe o dia mau e fazeis chegar o trono da violência; que dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerras do cevadouro; que cantais à toa ao som da lira e inventais, como Davi, instrumentos músicos para vós mesmos; que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José. Portanto, agora, ireis em cativo entre os primeiros que forem levados cativos, e cessarão as pândegas dos espreguiçadores (Am 6,3-7).

Olhando para essa pequena parte da Israel, poder-se-ia atestar que vivia uma vida feliz e despreocupada, sem se preocupar com aqueles que padeciam.

## Conclusão

É possível concluir que Amós denunciou ativamente a desigualdade social de sua época. Apesar de ser judaíta, atendeu ao chamado de Iahweh e clamou contra a opressão que os pobres e inocentes estavam sofrendo no reino do Norte. Amós criticou os ricos e poderosos e listou

as violências que eles estavam cometendo contra os empobrecidos e necessitados. Criticou a alta sociedade gananciosa que o rei Jeroboão II apoiava com sua forma de governo.

O sistema religioso, controlado pelo governo, foi usado para manipular o povo com o intuito de aumentar a arrecadação. Os sacerdotes mancomunavam-se com o sistema opressor dominante. Foi esquecido que o Deus que era adorado nos cultos de Israel é um Deus que ama a justiça e o cuidado com os pobres. Mas, em vez de cuidado, havia opressão. As normas de apoio entre as pessoas foram esquecidas e o direito ao acesso aos bens necessários à sobrevivência foi negado. Em vez de socorrer os necessitados, os ricos emprestavam dinheiro a juros altíssimos, provocando a falência dos devedores que eram obrigados a entregar suas terras a troco das dívidas e depois ainda eram escravizados.

No Código da Aliança (Ex 20,22-23,19) há uma parte específica acerca do ato de solidariedade que os israelitas tinham que praticar entre si (Ex 22,21-27). Mas os poderosos de Israel deixaram de lado os atos de solidariedade e praticavam a opressão por interesses próprios. Queriam mais e mais riquezas, e as conseguiam pisando nos pobres (Am 5,11). Os juízes, que deveriam aplicar as leis de forma justa, sem acepção de pessoas, decidiam as contendas judiciais sempre favorecendo os ricos e poderosos, contribuindo, assim, para a manutenção do sistema opressor que empobrecia o pequeno agricultor. As mulheres da alta sociedade de Israel, que deveriam ser o exemplo da aplicação dos atos de solidariedade para com os necessitados, diziam a seus maridos “dá cá e bebamos” (Am 4,1), incentivando os poderosos a que continuassem com suas práticas de espoliação.

Atualmente não apenas se toma conhecimento de fatos opressivos acontecidos em terras distantes, mas é vivenciada no dia a dia. A sociedade vive em um meio em que há opressão e falta de solidariedade. A cobiça de uns poucos que estão no poder fazem todo o restante da população sofrer oprimida e espoliada. A opressão financeira evoluiu para o desenvolvimento das dívidas externas dos países, que provocam o empobrecimento de suas populações, que são obrigadas a trabalharem a troco de baixos salários, assombrados por constantes inflações no custo de vida e ainda terem que pagar impostos altos, sem ter os benefícios de sistemas de saúde, educação, moradia e segurança eficazes.

Como consequência, pessoas oprimidas sem terem forças para reagir, são lançadas para o caminho das drogas, bebidas, roubos e outros tipos de criminalidades. Entram para o caminho da prostituição, por não terem mais solução para suas vidas ou por serem obrigadas, através da violência, a se prostituir. E as vítimas desse estado de prostituição são as mulheres e crianças, que são enganadas ou raptadas, sendo vítimas do tráfico sexual. O grito dos oprimidos sobe aos céus clamando por justiça, rogando a Deus que venha em seu socorro, aliviando suas cargas, enxugando suas lágrimas, curando suas feridas e conduzindo-os por um caminho de paz e segurança. Clamores que continuam ecoando por solidariedade assim como pela renovação da sociedade.

### Referências Bibliográficas

- BONORA, Antônio. **Amós, o profeta da justiça**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- CERESKO, Anthony R. **Introdução ao antigo testamento**: numa perspectiva libertadora. São Paulo: Paulus, 1996.
- GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à bíblia hebraica**. São Paulo: Paulus, 1988.
- HORSLEY, Richard A. **Bandidos, profetas e messias**: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 2007.
- KESSLER, Rainer. **História social do antigo israel**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia**: histórias antigas de Israel. São Paulo: Paulus/Loyola, 2008.
- MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 2011.
- SCHWANTES, Milton. **Amós: meditações e estudos**. Petrópolis: Vozes/ São Leopoldo: Sinodal. 1987.
- SICRE, José Luís. **A justiça social nos profetas**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SILVA, Airton José da. **A voz necessária**: encontro com os profetas do século viii a.c. São Paulo: Paulus, 1998.
- SMITH, Mark S. **O memorial de Deus**: história, memória e a experiência do divino no antigo israel. São Paulo: Paulus, 2006.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Miquéias**: voz dos sem-terra. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1996.